

HELENA KOLODY EM PROSA

Macos Aurelio Marques*
Luísa Cristina dos Santos Fontes**

Falar em dona Helena é passear pelo interior do Paraná, onde a poeta e sua poesia nos mostram a singeleza dos nossos campos, rios, nossos pinheiros e cedros, pela vida simples e humilde da nossa gente. É navegar pelos nossos rios, que não são o Siena ou o Tejo, mas são os rios da nossa terra, assim como o Iguaçu é o maior rio do mundo para mim, porque é o rio das histórias do meu pai que povoaram minha infância, é o rio que nasce e não morre em minhas lembranças. Impossível não pensar nesse caso em Fernando Pessoa e seu heterônimo pastor, o simples Alberto Caeiro:

O Tejo é mais belo que o rio que corre em minha aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre em minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia. (Pessoa, 1988, pág. 157)

Talvez isso nos leve a encontrar uma imediata identidade nos versos, e agora na prosa, de Helena Kolody. E assim é possível entender o carinho de dona Helena por uma senhora de fartas histórias que ela conheceu na primeira metade de século passado: Dona Mariquinha.

Na confluência desses dois caminhos, como dois delicados fios do destino que se cruzam, estiveram juntas Dona Mariquinha e Helena Kolody. Nasceu, desse encontro

* Acadêmico do 5.º ano do curso de Letras, integrante do Grupo de Pesquisa: Textualidades Contemporâneas, Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher, inscrito no CNPq, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

** Orientadora do ensaio, integrante do Grupo de Pesquisa: Textualidades Contemporâneas, Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher, inscrito no CNPq, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

entre as histórias orais de Dona Marica e as palavras escritas de nossa poeta maior, as belas Memórias de Dona Mariquinha, um livro editado de forma curiosa. No período em que Dona Helena esteve na companhia de Nhá Mariquinha aproveitou para fazer anotações preciosas das histórias por ela narradas. Mais tarde presenteou a família com o caderno de anotações que ficou guardado por um certo tempo. No ano passado (2002), através do Museu do Tropeiro, a neta da Dona Marica, a Sra. Judith Carneiro de Mello, publicou o caderno com o objetivo de divulgar os acontecimentos e reconstituir o período em que se passam as memórias registradas por Kolody, que compreende o final do século XIX e início do século XX.

O livro, observado seu objetivo inicial de ser um de registros dos costumes de um tempo, ganha dimensão poética nas mãos de Helena Kolody. A poesia, se a pensarmos em seu sentido mais amplo, impregna a vida simples e corriqueira das personagens, sobretudo da protagonista das histórias. Demonstra o quanto à poesia está implícita em todos nós e em todas as épocas. É preciso escrever. É preciso navegar.

A personagem que protagoniza a história na ficção é fruto dos relatos da Dona Marica real, estão ligadas assim pelo tênue fio que une ficção à realidade. O livro perpassa toda a vida da personagem a começar pelos relatos que reportam a infância, passando pela sua juventude até sua idade adulta e sua velhice.

Um recurso que merece destaque nesse livro, talvez um dos únicos, senão o único produzido por Helena Kolody em prosa, está na utilização do discurso indireto livre, nos permitindo, dessa maneira, entrar no íntimo da personagem e fazendo com que nós, leitores, também sintamos de perto as passagens da protagonista. Na medida que desenvolvemos a leitura, percebemos a constante aplicação do discurso indireto livre, com um deslocamento, em muitas vezes, da 3ª pessoa para a 1ª. Sentimos um estreitamento da relação do leitor com as personagens por intermédio do narrador:

Ela foi até a cozinha e deu com as mulheres chorando. Só comadre Amélia não chorava: carrancuda e silenciosa, estava encostada no batente da porta.

- O que foi que aconteceu?
- Pois, essa lôca quase matou o compadre Onofre, soluçou a mãe de nhá Amélia.
- A lôca cismô que ele tinha oiado pra Josina e quando ele entrô pra janta, tracô a pedra de amolá no peito dele.

Quando vi aquele pobre hóme espichado no chão, cós óio virado, bradei pelas ruas e corri acudi. (Pág. 38-39)

O excerto acima exemplifica muito bem o narrador, a princípio em terceira

pessoa (ela), e depois ao final, em primeira pessoa (eu). Temos, então, um narrador que mistura a própria história por ele narrada.

A poeta nos surge em prosa. Um texto sem pretensões, ao acaso escrito, eis aí mais uma característica do texto poético, sua condição de consagrar os instantes, como define Octávio Paz. Uma simples brincadeira de contar histórias que já ouvimos muitas vezes das pessoas mais velhas. Quando isso passa pelas mãos de Helena Kolody, o sentimento poético vira escritura:

O efeito foi de um aguaceiro num rosal.

Desfôlhou-se toda aquela radiosa alegria. (Pág. 18)

A reprodução da linguagem oral no texto escrito nos aproxima das personagens descritas. O que fez Guimarães Rosa em seu sertão, guardadas as devidas proporções, Helena Kolody consegue desenvolver nesse livro, uma vez que reproduz com beleza o dia a dia da gente humilde da cidade de Castro entre os séculos XIX e XX. Esses personagens, como os de Rosa, atingem um sentido universal de amos sofrimento, conquista, dor ou solidão. O conto IX do livro relata a história de Marfisa. A moça de *impressionantes olhos verdes, ardendo na face pálida*, é alvo do amor incondicional de João, irmão mais velho de Marica.

João vivia pela vontade de sua amada. Ela, por sua vez vivia envolta em bovarismos. O mundo não lhe satisfazia e ela oscilava entre dias de completa depressão e alguns mais tranqüilos. Teve filhos, e como para Madame Bovary, isso não foi suficiente para lhe restituir a razão. Até que um dia, sobe no forro da casa, apanha algumas bolinhas de estriquinina que o marido ali escondera, e suicida-se. Como Emma, não suportou a própria existência. Marfisa, porém, padecera perdida nos romances que nunca lera.

Aproveitamos esse conto para situar o narrador, que desenvolve o texto exercendo uma função explicativa, pois narra a história em um tempo passado com uma visão do presente:

Nada o deteve, nem a origem humilde da moça, nem sua religião diferente (e eram tão sérias, naquele tempo, essas questões de crença!) (Pág. 19)

Helena Kolody triunfa em prosa. O livro, tão belo quanto sua obra em verso, traz ainda o bem sucedido retrato de um tempo tão próximo e que nos parece ao mesmo tempo tão distante. A mulher começava timidamente a ter alguma importância na sociedade patriarcal e machista, a própria Nhá Mariquinha é exemplo disso, quando na ausência do marido, toma a frente dos negócios e vende um lote de gado, motivo de grande surpresa

para todos:

O homem fitou-a incrédulo. Onde que se viu mulher fechá negócio... (pág. 39)

Nessa época, algumas fortunas começavam a ser constituídas, nem sempre de forma lícita (se é que alguma fortuna pode ser lícita). O conto XXI narra a história da chegada do jovem advogado Dr. Javert. Decidido a enriquecer a qualquer custo, começa a tomar de volta lotes que sua família havia vendido sem escritura aos caboclos, entre eles, Nhá Marica e seu esposo. Aproveitando-se da inocência dos caboclos retoma a terra sem qualquer custo. A ação contra a família Javert, por informação da Sra. Judith, está até hoje na justiça.

Um livro belo por diversos aspectos. Poeticamente construído, remonta a personagem através das suas memórias, agora eternizadas. As mãos de Helena Kolody, mesmo em prosa, não fogem do estigma de poeta. O livro é um grande poema, uma leitura sobre o tempo passado mas não esquecido, que retorna pelos fios da palavra e da memória.